

As artes visuais e os surdos no Brasil do século XIX

Marilene Nogueira

Mestre em Educação e Especialista em Alfabetização (UFRJ)
Professora da Faculdade de Educação da UFRJ
Ex-Diretora Técnico-pedagógica do INES

INTRODUÇÃO

Este estudo nasceu da curiosidade despertada ao visitar a Galeria do Século XIX do Museu Nacional de Belas Artes, no Rio de Janeiro, e deparar-me com uma pintura que retratava uma aula para surdos.

REPRODUÇÃO DA PINTURA

Os registros de atendimento ao surdo em nosso país têm como marco inicial a aceitação por D. Pedro II, com intermediação do Marquês de Abrantes, da proposta apresentada por Ernest Huet, surdo francês que chegara ao Rio de Janeiro em fins de 1855, para organizar uma escola para surdos.

O atendimento realizado por Huet teve início com duas alunas, mantidas com bolsa do Império, no espaço cedido pelo Colégio de Vassinon. Somente em 26 de setembro de 1857, o Império concede a primeira dotação orçamentária para o estabelecimento, que recebe o nome de Imperial Instituto de Surdos-Mudos.(1)

Problemas familiares e divergências administrativas levam Huet a deixar o cargo e ir para o México, junto ao seu irmão surdo, Adolph Huet, que lá fundara um colégio.

Em 1862, o professor Dr. Manoel de Magalhães Couto, que se especializara em Paris, assume o posto de diretor. Em 1868, o Ministro do Império, insatisfeito com o trabalho, exonera-o e conduz o médico Dr. Tobias Leite ao cargo, onde permaneceu até sua morte, em 1896. A gestão foi marcada por significativos eventos: estabelece o princípio de que os surdos têm direitos iguais aos falantes no que se refere ao ensino; faz mudanças no Regimento, com o retorno da disciplina Leitura sobre os Lábios; regulamenta a função do professor repetidor, aquele que lia e repetia as lições do professor, acompanhava os alunos no recreio, no retorno à sala de aula, no refeitório e no dormitório, corrigia os exercícios e substituíam os professores, além de ciceronear os visitantes do Instituto; cria o curso profissionalizante agrícola.

O Dr. Tobias Rabello Leite, no

“Actas e Pareceres do Congresso de Instrução do Rio de Janeiro” (2), de 1883, elenca as questões sobre a educação de surdos:

- define que “ao menos por ora, a instrução do surdo mudo brasileiro se limite á primária”. As razões arroladas são: a importância da audição para o desenvolvimento intelectual e social; a quase totalidade dos surdos ser de origem camponesa e viver no isolado interior do País ou ser filho de pobres operários das cidades, que precisam deles para o trabalho.
- Defende o ensino profissionalizante, especialmente o agrícola, como o mais adequado para os surdos.
- Argumenta a respeito da educação das surdas-mudas, que, por serem mais dóceis que os meninos, causam menos preocupações. Ainda assim, têm direito “á instrução, iguais aos do sexo masculino, a sensualidade precoce e activíssima inerente á surdo-mudez, e mais que tudo, a sua missão de futura mãe fazem de sua

educação uma necessidade imperiosa.”

Sugere que, sendo impossível organizar internatos para as meninas, que estas deveriam ser educadas por professores que nas escolas normais tivessem conhecimento do ensino especializado e, houvesse a divulgação de livros elementares para auxiliar mães e pessoas de boa vontade a iniciar a instrução.

Tanto a falta de divulgação para os leigos sobre as possibilidades da pessoa surda, quanto o pouco conhecimento dos professores em relação à surdez permanecem até nossos dias como um problema.

- d) Sugere que o Instituto Imperial deve atender aos alunos do Rio de Janeiro e Espírito Santo e preparar professores para atuar em outras províncias. Inclui um quadro com dados de vários países, no qual o Brasil aparece como tendo uma proporção de 1 surdo por 856 habitantes, 1 estabelecimento e 32 alunos. Os Estados Unidos, com 1 surdo por 2.083 habitantes, tinha 55 estabelecimentos e atendia a 7.019 alunos.

Em 30 de outubro de 1886, sob o nº 113, é publicado um decreto do Barão de Mamoré (3), como decisão do Governo do Império, de um subsídio em cada Província para manter, no Instituto Imperial dos Surdos-Mudos, os surdos de cada localidade.

“Tanto a falta de divulgação para os leigos sobre as possibilidades da pessoa surda, quanto o pouco conhecimento dos professores em relação à surdez permanecem até nossos dias como um problema.”

Ainda muito tempo decorrerá para que o Instituto ofereça, sistematicamente, curso para professores e a educação dos surdos seja disseminada no País.

NOSSO PERSONAGEM: DR. MENEZES VIEIRA

O Dr. Menezes Vieira, médico e professor no Instituto, produziu também um parecer para o Congresso de Instrução de 1883 (2), no qual trata da educação dos surdos no Brasil e no mundo.

Este nosso personagem provavelmente foi um nome de relevo na instituição: não só é convidado, junto com o então diretor Tobias Leite, para escrever um parecer no documento oficial mas, neste mesmo texto, critica com acidez, demonstrando independência e conhecimento, o programa educacional do Instituto. Ele estivera na Europa visitando instituições de surdos em Paris, Bruxelas, Berlim, Colônia, Leipzig, Munique, Milão, Chambéry e Lion e, ao retornar, elaborou algumas reflexões muito interessantes.

O autor argumenta que a educação dos surdos não é capricho imperial, mas um **“dever imposto pelo pacto nacional, é o pagamento de uma dívida tanto mais sagrada quanto menos afortunado é o credor. Da educação do surdo-mudo resulta a transformação de braços improdutivo e talvez perigosos em instrumentos de riqueza nacional.”**

Defende, enfaticamente, sob o ponto de vista econômico, a educação dos surdos, demonstrando àqueles que julgavam inútil a instituição, a situação: “No ano financeiro de 1880 a 1881 a oficina de encadernação recolheu á caixa economica escolar 2:552\$ e a de sapateiro 817\$000.”

Desta forma, percebe-se que há muitos anos a educação especializada é questionada pelo alto investimento em profissionais, um ensino que demanda muitos anos e atende a um número pequeno de alunos.

Apesar de louvar o esforço do diretor, Dr. Tobias Leite faz críticas ao modelo pedagógico inspirado no Instituto de Paris. Denuncia que a ênfase na linguagem escrita, em uma sociedade

iletrada, faz com que surdos recém-saídos do Instituto se esqueçam das lições e não sejam inseridos na sociedade.

“Defende a palavra embora ressaltando “compreende-se que o timbre, a suavidade estarão muito longe do que é o normal nos fallantes” e apresenta números, demonstrando que nos institutos alemães, italianos e franceses “de 24.862 alumnos são educados 10.506 pelo methodo oral, 9.887 pelo methodo combinado (mimico-oral) e somente 1.574 pela mimica”.

Vale ressaltar que, em 1880, o Congresso Internacional de Milão referendou a língua oral e rejeitou a língua de sinais. Assim, estes dados e a defesa que o Dr. Menezes Vieira faz do “ensino da articulação chamada artificial e da leitura sobre os lábios” estão coerentes com as idéias da época.

O texto escrito pelo Dr. Menezes Vieira, há 14 anos no magistério, é inci-



Figura 1

sivo. Ele enumera as razões para a defesa do método oral:

- a) maior facilidade de inserção na sociedade, que, à época, era falante e iletrada.
- b) Melhoria da saúde pela “gymnas-

tica dos órgãos da respiração e pelo sangue melhor oxygenado”

- c) Desenvolvimento da educação moral e intelectual pelo uso “da palavra viva e animada”.
- d) Desaparecimento do “ostracismo (...) o surdo-mudo deixa de ser condenado ao silencio eterno”.

E conclui: “Possuindo esse meio, nenhum estorvo ou obstaculo haverá em educá-los do mesmo modo que os falantes”.

À defesa apaixonada seguem-se os desabafos em relação ao pouco caso que

“Denuncia que a ênfase na linguagem escrita, em uma sociedade iletrada, faz com que surdos recém-saídos do Instituto se esqueçam das lições e não sejam inseridos na sociedade.”

se faz dos pensadores brasileiros e de suas publicações. Assim escreve: “Não será fácil tentamen no Brazil, onde a verborrhagia acompanha de perto a lecturophobia quanto aos trabalhos nacionaes”.

Chama a atenção para uma característica do brasileiro que, segundo ele, é a impaciência e precipitação e reclama que a “a aula de leitura sobre os lábios e de linguagem articulada como foi há dias inaugurada no instituto do Rio de Janeiro, nenhum resultado serio produzirá”. E alerta: “A viciação original do methodo servirá mais tar de de argumento contra sua utilidade”.

Cabe uma reflexão. Ainda hoje, os estudiosos da área da Educação de Surdos, e não só dessa, têm enfatizado que, ao se tomar conhecimento de uma determinada tendência, “jogamos fora o bebê com a água do banho”, ou seja, despreza-se o que se fazia antes e, de afogadilho, lança-se a uma nova aventura, ao novo método, à nova linha pedagógica... ou então, descrente, não ousa ler, discutir, experimentar. As duas atitudes extremadas são perniciosas.

As pesquisas recentes sobre formação de professores apontam que eles aprendem principalmente com a prática e com a interação com outros colegas e tendo a disposição para aprender por toda a vida.

O Dr. Menezes Vieira demonstra ser um profissional sério, conhecedor das tendências educacionais européias, ar-

doroso defensor das suas convicções e, no texto, informa que apresentou uma proposta ao Governo e que esta foi objeto de contestação pelo diretor do Instituto. É possível que o confronto explícito tenha sido a causa de ter sido convidado para emitir um dos pareceres sobre a “Educação dos Surdos-mudos” no “Actas e Pareceres do Congresso de Instrução do Rio de Janeiro”.

A reputação do Dr. Menezes Vieira está, firmada, mas a surdez é pouco compreendida: causa perplexidade, curiosidade, estranheza. Porém, aqueles que se aproximam vislumbram um mundo fascinante. Que motivos impulsionaram um promissor artista plástico a retratar este universo?

REPRESENTAÇÕES DAS ARTES VISUAIS SOBRE A SURDEZ NO SÉCULO XIX

No Brasil, o único quadro conhecido que tem a surdez como tema é o intitulado “A PALAVRA AOS SURDOS-MUDOS,” pequeno óleo sobre tela (54 x 45 cm) de 1886, tomo 702, que encontra-se em exposição na Gale-

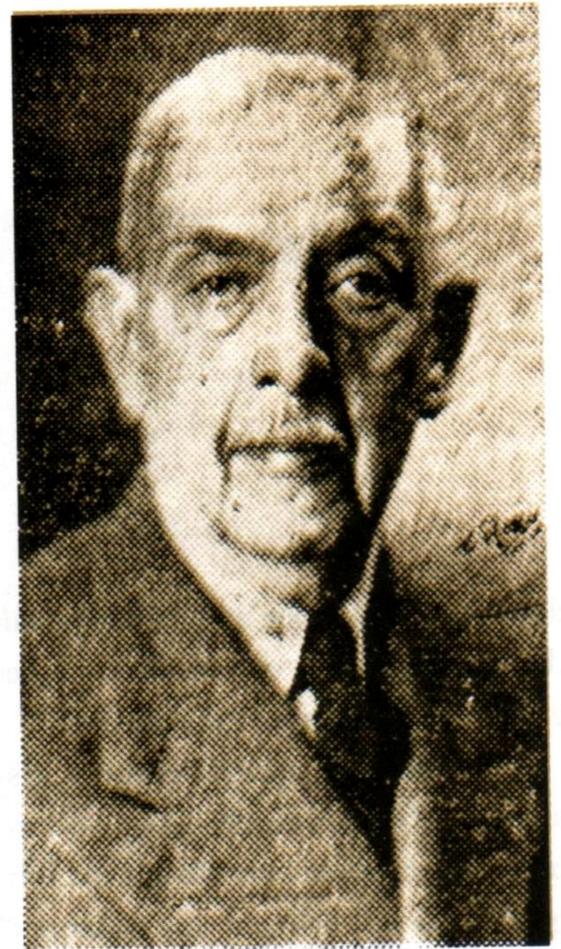


Figura 2

ria do Século XIX no Museu Nacional de Belas Artes, no Rio de Janeiro. (Figura 1)

RETRATO DO ARTISTA

A obra de OSCAR PEREIRA DA SILVA (1867-1939) é considerada especial. “A figura do médico e educador de perfil, juntamente com a dos dois meninos surdos-mudo, é que forneceu o caráter insólito da obra, sendo reforçada essa impressão pela estranha paisagem cenográfica ao fundo”. (4)

Percebe-se que a curiosidade suscitada pela obra deve-se, em grande parte, ao tema. A surdez era, no século XIX, e, ainda é, motivo de espanto. Quem era o homem retratado? E os meninos? Destes últimos não temos os nomes, mas a figura principal é o “Dr. Menezes

Vieira dando uma lição de linguagem”. Este era o título da pintura quando exposta no Salão de 1893. (5)

A relevância da obra decorre, ainda, de ter sido o quadro produzido aos 19 anos, enquanto o autor era estudante da Academia Imperial de Belas Artes.

Oscar Pereira da Silva (Figura 2), natural do Estado do Rio de Janeiro, em São Fidélis, à época município de Campos, nasceu em 27 de agosto de 1867. “Veio para o Rio de Janeiro e frequentou a Academia de 1880 a 1887, onde foi aluno de José Maria de Medeiros, João Zeferino da Costa, Vítor Meireles e Chaves Pinheiro (...). Conquistou o prêmio de viagem ao estrangeiro, ao terminar seu curso na Academia. Viajou em 1890, fixando-se em Paris, onde aperfeiçoou-se com León Gerôme e Léon Bonnat”.

“De volta ao Brasil, em 1896, estabelece residência definitiva em São Paulo, lecionando no Ginásio do Estado, no Liceu de Artes da capital paulista” (4). Com o Dr. José Candido de Souza, fundou o núcleo artístico que mais tarde transformou-se na atual Escola de Belas-Artes de São Paulo.

Além do magistério, dedicou-se à pintura decorativa, realizando painéis para o Teatro Municipal de São Paulo, para as igrejas de Santa Ifigênia e da Consolação e para o Museu do Ipiranga, em São Paulo, e “colaborou na decoração interior da Igreja da Candelária, no Rio de Janeiro. (6).

“Ele era um mestre. Toda uma época estava na sua pintura. (...) Sentem-se nelas (nas telas) base, escola, longo estudo, sofrido, meditação. Nada é fácil na sua pintura.” (7).

Este importante pintor brasileiro tem como obras principais, além das mencionadas, infância, de Giotto” e “Criação da Vovó” (Museu do Ipiranga, em São Paulo), “Dorso de Mulher” e “Sansão e Dalila” (MNBA, no Rio de Janeiro).

Faleceu em São Paulo, vitimado por

colapso cardíaco, em 17 de janeiro de 1939.

A pergunta sobre a motivação para a escolha do tema Surdez ainda permanece sem resposta...

Agradecimentos ao Museu Nacional de Belas-Artes e ao Instituto Nacional de Educação de Surdos por permitirem a consulta aos seus arquivos. Agradecimentos especiais a Eduardo Nogueira pelas fotografias.

Referências Bibliográficas

- (1) ROCHA, Solange. Histórico do INES. *Espaço*: edição comemorativa dos 140 anos. Belo Horizonte: Littera, 1997.
- (2) BRASIL. *Actas e Pareceres do Congresso de Instrução do Rio de Janeiro. 26ª questão. Educação dos surdos-mudos*. Tipographia Nacional, 1884.
- (3) BRASIL. *Decisões do Governo do Império do Brasil*. Nº 113. 30 out 1886. Rio de Janeiro: Imprensa Nacional. 1887.
- (4) SOUZA, Alcídeo Mafra de (ed.). *O Museu Nacional de Belas-rtes*. São Paulo: Banco Safra, 1985, p.64-65.
- (5) Museu Nacional de Belas-Artes. *Ficha Catalográfica*. Galeria do Século XIX. Rio de Janeiro, s.d.
- (6) GOUVÊA, Renato Magalhães (Escritório de Arte). *Catálogo da Exposição e Vendas*. São Paulo. 29 out a 10 nov, 1991.
- (7) PICCHIA, Menoti del. *Diário de São Paulo*. São Paulo, 19 jan 1939.